

EDUCAÇÃO E REPRESENTAÇÕES FEMININAS NO AUTO DA COMPADECIDA DE ARIANO SUASSUNA

Suzana Ferreira Paulino; Pedro Paulo Procópio; Andréa Kaline Arcoverde de Moura; Ariadne Barros Barkokébas

Faculdade Integrada de Pernambuco (FACIPE), suzanafpenglish@yahoo.com.br; Faculdade Integrada de Pernambuco (FACIPE), pedroprocopio@facipe.edu.br; Faculdade Integrada de Pernambuco (FACIPE), andrea100@gmail.com; Faculdade Integrada de Pernambuco (FACIPE), ariadnebark@hotmail.com.

Resumo

A literatura é uma maneira de representar, criticar as práticas, pensamentos e ações de uma sociedade através de seus enredos e personagens. As identidades de gênero são processos complexos, impostos pela sociedade na qual estamos inseridos, seja por nossos pais ou por amigos, designando modelos normativos únicos e constitutivos das subjetividades dos indivíduos. Face um contexto social no qual a base foi o patriarcalismo e suas relações de poder, a mulher foi apresentada social e culturalmente na literatura como ser inferior e submisso ao homem. Tradicionalmente, os homens estabeleceram o seu domínio sobre as mulheres ao longo dos tempos. A polaridade masculina de não poder chorar, não demonstrar seus sentimentos, não ser fraco, covarde, perdedor e passivo nas relações sexuais, entre outros e a feminina de ser frágil, delicada, maternal, dependente, cuidadora da família, submissa, entre outros são características na constituição dos traços e papéis sociais de cada um. A presente pesquisa tem por objetivo investigar as representações femininas no Auto da Compadecida de Ariano Suassuna através da análise das personagens femininas Rosinha (filha do Major Antônio Moraes) e Dora (mulher do padeiro). A análise se baseou nos pressupostos teórico-metodológicos da Crítica Literária Feminista, dos Estudos Literários e dos Estudos de gênero, considerando o contexto histórico, social, político e discursivo, a partir de uma pesquisa exploratória e qualitativa. Os resultados indicam que as personagens são representações das identidades femininas tradicionais, presas aos padrões patriarcais, embora haja uma tentativa de desvinculação dos mesmos.

Palavras-chave: Identidade, literatura, educação, representações femininas.

Introdução

A literatura é um suporte de expressão sócio-cultural de um povo, contribuindo para a perpetuação de padrões impostos à sociedade. Ela é uma maneira de representar, criticar as práticas, pensamentos e ações sociais através de seus enredos e personagens. Face um contexto social no qual a base foi o patriarcalismo e suas relações de poder, a mulher foi apresentada social e culturalmente na literatura como ser inferior e submisso ao homem. Assim, no ambiente escolar, a

literatura pode perpetuar crenças e práticas de rejeição, preconceito, dominação e violências de gênero, existentes na sociedade.

As identidades de gênero são processos complexos, impostos pela sociedade na qual estamos inseridos, seja por nossos pais ou por amigos, designando modelos normativos únicos e constitutivos das subjetividades dos indivíduos. Tradicionalmente, os homens estabeleceram o seu domínio sobre as mulheres ao longo dos tempos. A polaridade masculina de não poder chorar, não demonstrar seus sentimentos, não ser fraco, covarde, perdedor e passivo nas relações sexuais, entre outros e a feminina de ser frágil, delicada, maternal, dependente, cuidadora da família, submissa, entre outros são características na constituição dos traços e papéis sociais de cada um.

A identidade do sujeito está relacionada ao seu território de origem e sua formação cultural. Nesta pesquisa, compreende-se o sujeito como pessoa cidadã. O contexto da obra “O Auto da Compadecida” é uma região do território brasileiro, explorada pelo colonialismo e o coronelismo, caracterizada por uma organização social marcada pela luta de classes que reforça a dominação dos poderosos, da burguesia sobre a população pobre e escravizada, dos homens sobre as mulheres que são exploradas, vitimizadas e simbolicamente violentadas nos seus direitos.

Bhabha (1998, p. 111) destaca a visão do dominante acerca do “colonizado como população de tipos degenerados” na tentativa de justificar suas conquistas e defender o poder de dar instruções e administrar.

No es necesario que las relaciones sociales estén organizadas en términos de género, ni siquiera las relaciones que se consideren sexuales. Pero la organización social en términos de género no tiene por qué ser heterosexual o patriarcal. El que no tiene por qué serlo es una cuestión histórica. Entender los rasgos históricamente específicos de la organización del género en el sistema moderno/colonial de género (dimorfismo biológico, la organización patriarcal y heterosexual de las relaciones sociales) es central a una comprensión de la organización diferencial del género en términos raciales (LUGONES, 2008, p. 78).

As diferenças entre as classes dominantes e as dominadas são tais que elas “[...] parecem raças diferentes, estranhas como em nações conquistadas” (IANNI, 1993, p. 43). Sendo a colonização um processo total e totalizante, material e simbólico, física e subjetivamente violento, ela marca fortemente a sociedade.

Tendo em vista o contexto apresentado, este trabalho foi orientado pela pergunta: quais representações de feminilidade se apresentam na obra *O Auto da Compadecida* de Ariano Suassuna? Para responder a questão posta, a presente pesquisa tem por objetivo investigar as representações femininas no *Auto da Compadecida* de Ariano Suassuna através da análise das personagens femininas Rosinha (filha do major) e Dora (mulher do padeiro).

Os resultados indicam que as personagens são representações das identidades femininas nordestinas rurais tradicionais, presas aos padrões patriarcais, embora haja uma tentativa de desvinculação dos mesmos.

O Auto da Compadecida

O *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, possui como cenário o Nordeste brasileiro e retrata seu povo, suas crenças religiosas, seu linguajar, ou seja, uma linguagem mais próxima do cotidiano, sua cultura e seus conflitos. A obra retrata e, ao mesmo tempo, tenta quebrar paradigmas relativos ao preconceito, aos conflitos de classes sociais e de gênero, apresentando pobres espertos, ricos ridicularizados, santos humanos e Jesus Cristo negro.

No caso do livro em análise, Suassuna se utiliza de situações humorísticas para abordar assuntos como a miséria humana, a avareza das pessoas, o racismo e a luta de gêneros e classes e a busca pelo poder que predominava no contexto nordestino, na sociedade de economia agrária dos grandes latifundiários da cana-de-açúcar. Essa sociedade era caracterizada pela dominação, pelo patriarcalismo, pela concentração dos poderes político e econômico, e estratificação social: a aristocracia rural, formada pelos senhores de engenho, os coronéis; o clero: padre e bispo; os profissionais liberais como comerciantes, artesãos, entre outros; os funcionários públicos; e a população menos favorecidas.

Esse modelo excludente, marcado pela exploração figura, até hoje, na sociedade nordestina como herança do período e como manutenção da tradição autoritária e conservadora dos latifúndios. Ele se reflete na negação à educação, saúde, trabalho e moradia, entre outros direitos às mulheres e aos pobres iletrados como reflexo da matriz colonial do poder (QUIJANO, 2005).

O perfil da sociedade retratada é caracterizado pela subalternidade, pelo baixo grau de ensino e pela exploração. As mulheres são subjugadas e as relações entre classes sociais se baseiam no coronelismo, no poder e na religiosidade da Igreja Católica, sendo os personagens tementes a Deus, preservando os ensinamentos divinos sem questionamento. São Encontradas informações complementares acerca dos costumes regionais, o caráter religioso dos cristãos que realçam e delimitam o cenário e a sociedade retratada pelo autor.

A obra aborda as dores e problemas vivenciados pelas mulheres que os enfrentam com força e fé em seu cotidiano. A aceitação de suas condições humanas e a consciência da necessidade de busca pela ruptura dos conflitos estão presentes em todo o corpo do texto. Essa busca perpassa a educação como processo de emancipação (SANTOS, 2004).

Gênero, Identidade e Representação feminina

As identidades são plurais, múltiplas, mutáveis e transitórias (cultural, linguística, religiosa, profissional, entre outras) e a constituição dos sujeitos está relacionada à sensação de pertencimento a diferentes grupos étnicos, sexuais, de classe, de gênero, etc. (LOURO, 1997).

Por sua vez, a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções (LOURO, 2000). Assim, as identidades de gênero e sexuais são compostas e definidas por relações sociais e “moldadas pelas redes de poder de uma sociedade” (LOURO, 2000, p.6).

Butler (1990) compreende gênero como um conjunto de repetições dentro de uma rígida estrutura reguladora temporalmente cristalizada para aparentar uma classe natural de ser e a ‘unidade’ do gênero surge de uma prática regulatória na tentativa de padronizar a identidade do gênero imposta pela heterossexualidade. Assim, o gênero é uma construção social, processual. “o gênero é sempre um fazer” (BUTLER, 2003, p. 33). Assim, os que não se adequam à padronização colonial, imposta, são marginalizados. Suas identidades sociais são permeadas pela colonialidade (QUIJANO, 2000a).

A condição de subalternização das mulheres na vida social, profissional e artística é histórica e cultural. Há uma ordem social desigual que separa e mantém a bipolarização entre homens e mulheres (COMPTE apud LAUFER, 2005). Às mulheres, consideradas “sexo frágil”, “sexo afetivo”, são confiadas as missões de serem mães de família, promover os cuidados

domésticos e a educação dos filhos, o apoio ao marido, o sacrifício nobre, o altruísmo e a doação incondicional.

Dessa forma, não eram atribuídos às mulheres papéis sociais de destaque econômico, cultural ou político. Montesquieu era um dos filósofos iluministas que desvalorizaram a mulher para práticas mais intelectuais e políticas. A elas, portanto, não eram conferidos direitos e restariam a educação familiar, os dotes naturais de beleza, delicadeza, graça e ingenuidade, características inerentes ao seu sexo. Em contraposição, aos homens eram atribuídas a razão e a força.

Os “direitos femininos” percebidos estavam circunscritos na religiosidade cristã não abrangendo os revides ou os combates (PASSOS, 2005). Portanto, às mulheres exploradas, é preciso lhes conferir direitos. Contudo, não se deve confundir com “pseudo-direitos”, ou seja, direitos considerados pertencentes ao universo masculino, como o direito ao voto.

Na obra é possível perceber a dicotomia entre o que seria o feminismo cristão, que fixa a mulher aos deveres domésticos, e o feminismo revolucionário. No primeiro, o ideal de humildade cristã atravessa suas vidas e suas falas. No segundo, o discurso é mais ousado e empoderado, ampliando os espaços para a construção de subjetividades mais complexas do que a representação da mulher apenas como mãe de família.

Metodologia

A análise se baseou nos pressupostos teórico-metodológicos da Crítica Literária Feminista e dos Estudos Literários, considerando o contexto histórico, social, político e discursivo, a partir de uma pesquisa exploratória e qualitativa. A partir do referencial teórico sobre estudos de gênero e literatura, procedemos a uma análise crítica do conceito de identidade de gênero e sexual, relacionando com a educação.

Resultados e discussões

Os resultados indicaram a manutenção do padrão nordestino de sociedade machista. As personagens são representações das identidades femininas tradicionais, presas aos padrões patriarcais, embora haja uma tentativa de desvinculação dos mesmos. A forma de identificá-las sócio-discursivamente as associa a um referente masculino, por exemplo, quando Dora é conhecida como “a mulher do padeiro” e Rosinha como “a filha do Major Antônio Moraes”.

As distintas práticas discursivas marcam e moldam os corpos e as subjetividades dos sujeitos. Tal referência diz respeito às práticas discursivas de subjetivação que contribuem para a constituição das identidades de gênero e sexuais legitimadas social e culturalmente em nossa sociedade, uma vez que “o que somos, nossas identidades sociais, são construídas por meio de nossas práticas discursivas com o outro” (MOITA LOPES, 2002, p. 32).

A representação feminina expressa na obra analisada está marcada nos gestos, nos modos de andar, de falar ou de se vestir das personagens uma identidade que é estigmatizada e rejeitada. A rejeição é uma forma de violência simbólica que leva à exclusão social e cultural das mulheres, alijando-as de exercer cidadania em meio a uma sociedade machista.

Essa violência simbólica, marcada pela rejeição e exclusão da mulher, ocorre em distintos espaços de sociabilidade, como casa e trabalho, ambos espaços de atuação social nos quais deveriam estar presentes o respeito em relação ao outro e aos valores socioculturais e históricos constitutivos de sua identidade. Essas práticas se estendem por todos os setores sociais e prevalecem durante toda a vida da mulher quando a sociedade a estigmatiza e rotula. Assim, “la colonialidad permea todos los aspectos de la existencia social y permite el surgimiento de nuevas identidades geoculturales y sociales” (QUIJANO, 2000a, p. 342).

A temática de gênero não é o foco da obra, mas é tratada de forma satírica, com humor característico e peculiar, descrevendo como as mulheres do Auto da Compadecida aprenderam a sobreviver em meio às proibições impostas e “o exibicionismo e a teatralidade estão, com certeza, e estiveram historicamente, entre os gestos mais importantes que permitiram desafiar a hegemonia heteronormativa”.

As mulheres sempre foram vítimas de violências reais e simbólicas, fato que pode ser comprovado com os altos índices de crimes hediondos ocorridos contra mulheres com frequência em nosso país, especialmente na região nordeste e, constantemente, veiculados pelas mídias

televisiva e impressa. Seus corpos são marcados, mutilados e violentados, eles não importam e refletem e são representações das maneiras pelas quais a hegemonia heterossexual opera para modelar questões sexuais, culturais e políticas (BUTTNER, 2009).

Rosinha, com nome marcado, ainda, no diminutivo, representa a mocinha, donzela e ingênua da cidade. É uma moça bondosa, educada e está sempre sorrindo. Ela é filha do Major Antônio Moraes, coronel ditador de ordens e desmandos na igreja, política e economia da cidade de Taperoá e herdeira única dos bens de seus ancestrais. Estudou na capital e fez viagens, ou seja, sua educação foi diferente da recebida pelas mulheres da sua cidade e ela teve oportunidades de interações com outras referências sócio-culturais.

Suas vestes são claras, compostas por vestidos fluidos e luvas brancas, rendados, bordados, em tecidos leves, delicados e de qualidade. Possui cabelos sempre arrumados e maquiagem leve. Ao ir à igreja, ela usa véu para cobrir a cabeça, como pode ser observado na figura abaixo.

Figura 1: Rosinha, “a filha do Major Antônio Moraes”.



Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=rosinha+auto+da+compadecida&rlz=1C2PRFE>

Embora referida personagem se apresente como uma mulher decidida, “suas decisões” são tomadas por seu pai e impostas como castigo por seu pai. A prática coronelista representada pelo Major Antônio Moraes reforça as violências simbólicas que se materializam em ameaças à filha, ao padre, ao bispo, a Chicó, a João Grilo, ao padeiro e sua mulher e ao cangaceiro, pelo poder de subjugação e amedrontamento que sua condição sócio-econômica, tradicionalmente, lhe garante.

Os contextos regional, histórico e sócio-cultural da obra não permitiam discursos feministas mais incisivos ou conectados com linguagem e imagens feministas advindas da Europa Ocidental.¹ Assim, Rosinha, embora em momentos pontuais da obra tente romper com o modelo patriarcal, apresenta fortes traços comportamentais femininos mais característicos desse modelo, como a romantização, as vestimentas, a fé, o desejo de formação da família e o papel de dona de casa.

Por sua vez, Dora, “a mulher do padeiro”, rompe com as normas sociais preestabelecidas, toma as decisões financeiras da família, controla as ações do marido, vivencia sua sexualidade da forma que deseja, mas paga um considerável preço social por esta ousadia, sendo considerada “mulher safada” e “adúltera”.

Suas vestes possuem decotes profundos, saias rodadas de cores fortes. Em grande parte das cenas, ela usa roupas íntimas provocantes, demonstrando o seu constante desejo sexual por outros homens, que não o seu marido. Seus cabelos são penteados elaborados e a maquiagem é marcante, principalmente os lábios com batom vermelho intenso como pode ser visualizado na imagem abaixo.

¹ Vale ressaltar que Ariano Suassuna era um regionalista convicto e expressava em suas obras a valorização da cultura nordestina.

Figura 2: Dona Dora, “a mulher do padeiro”



Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=dora+auto+da+compadecida&rlz=1C2PRFE>

Nesse sentido, comungamos da ideia de que esses sujeitos “ousados” que rompem as fronteiras são indispensáveis na estrutura sociocultural, uma vez que esses “corpos que não se conformam nunca, completamente, às normas pelas quais sua materialização é imposta” (BUTLER, 2007, p. 154) “colocam também em xeque o paradigma do gênero binariamente fechado, atribuindo aos sujeitos a possibilidade de “serem” para além daquilo que lhes é esperado” (INÁCIO, 2010, p. 119).

Apesar de se perceber o romantismo nos discursos femininos do Auto da Compadecida, especialmente de Rosinha, e nos masculinos, percebe-se uma consciência de gênero e um discurso de revide no que tange as relações sociais. Embora de forma humorística e caricaturada, capta-se na obra a abordagem da desigualdade das relações sociais de gênero, ao mesmo tempo em que se propaga a desigualdade e a injustiça garante a permanência da segregação na sociedade brasileira.

Assim, o autor da obra faz uma crítica à corrupção, às injustiças sociais e às relações de poder entre os sexos, através da personagem Dora, adotando uma consciência de gênero mais acentuada, um desejo de maior independência diante da tradição de submissão feminina na sociedade nordestina, marcadamente heterossexista.

Assim, Rosinha seria a representação do feminismo cristão, ou seja, com uma forte referência doméstica e religiosa, e Dora representa o feminismo revolucionário, caracterizado pelo comportamento rebelde, de revides à sociedade machista opressora. Embora sejam personagens completamente diferentes, as representações de Rosinha e Dora se entrecruzam no aspecto religioso, traço característico da população nordestina retratado no Ato da Compadecida.

Conclusões

A presente pesquisa buscou problematizar as representações femininas na obra Auto da Compadecida de Ariano Suassuna. Tendo a literatura o poder de influenciar o debate público sobre os temas correlatos de gênero, exclusão, subalternidade, papel social, trabalho doméstico, entre outros, a referida obra aborda os dilemas e retrata os conflitos sociais vivenciados pelos nordestinos.

Embora ainda haja rejeições, silêncios históricos e invisibilidade feminina, percebe-se um movimento de tentativa de desconstrução do pertencimento feminino apenas ao universo doméstico-cristão, por exemplo, quando apresenta Rosinha estudando na capital e Dora administrando a padaria. Contudo, vale ressaltar que há um longo caminho a ser percorrido até a constatação da visibilidade feminina e da equidade de gênero na literatura.

Destaca-se o papel da educação na conscientização e nas perspectivas e visões de mundo das mulheres na obra. Deve-se, assim, repensar as representações dos indivíduos que reforça a oposição sociocultural binária masculino/feminino, e considerar a possibilidade de outras formas de se viver a feminilidade e conceber a literatura como espaço possível para a vivência do respeito e da igualdade de gênero, nos diversos espaços de educação e aprendizagem sócio-cultural, incluindo no contexto de sala de aula.

Na luta pela afirmação de gênero no Auto da Compadecida, as personagens Rosinha e Dora desconstroem e reconstroem subjetividades femininas. Nesse embate, espaços de emancipação se abrem como igrejas, praças, casas e o “purgatório”, local do julgamento por Jesus Cristo e acusação pelo diabo. Novos espaços de afirmação e sociabilidade permitiram que as mulheres escapassem da “invisibilidade doméstica para a visibilidade pública” (RAGO, 2007, p. 86). A Educação, entre outras atribuições, tem o papel de empoderar as mulheres e esclarecer os homens para combater a marginalização sexista.

Os resultados indicam que as personagens são representações das identidades femininas nordestinas rurais tradicionais, presas aos padrões patriarcais, embora haja uma tentativa de desvinculação dos mesmos. Portanto, mais do que uma literatura voltada para o lugar da mulher no seio doméstico, O Auto da Compadecida constitui-se em um espaço de lutas de gênero. Devido ao seu poder educativo-cultural, histórico-crítico, a literatura deve declarar seu comprometimento com as mulheres nos desafios enfrentados no mundo particular e público.

Referências

- BHABHA, K. H. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.
- FANON, F. Os **condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961/1968.
- INÁCIO, Emerson da Cruz. “Para uma estética pederasta”. In: COSTA, Horácio... [et al] (Orgs.). **Retratos do Brasil homossexual: fronteiras, subjetividades e desejos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Imprensa Oficial do Estado, 2010, p. 111- 124.
- LAUFER, Jacqueline. “Domination”, pp. 67-75. In MARUANI, Margaret. **Femmes, genre et sociétés: l'état des savoirs**. Paris: La Découvert, 2005.
- LUGONES, María. Colonialidad y Género. **Tabula Rasa**, n. 9, julio-diciembre de 2008. Bogotá: Colombia. 2008. pp. 73-101. ISSN 1794-2489
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- PASSOS, Elizete. Amélia Rodrigues (1861-1926). Salvador: EDUFBA-FACED, 2005.
- PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

QUIJANO, Anibal. Colonialidad del Poder y Clasificación Social, Festschrift for Immanuel Wallerstein, part I, **Journal of World Systems Research**, V. XI:2, summer/fall. 2000.

RAGO, Elisabeth Juliskas. **Outras falas: feminismo e medicina na Bahia (1836-1931)**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007.

SANTOS, B. de S. (Org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente: Um discurso sobre as ciências revisitado**. São Paulo: Cortez, 2004.

SUASSUNA, Ariano. **Auto da Compadecida**. 25. ed. Rio de Janeiro: Agir. 1990.